



UCRÂNIA

Trump põe Zelensky contra a parede

Depois de o presidente dos Estados Unidos dar prazo de seis dias para que respondesse sobre proposta de paz, líder ucraniano sinaliza aversão. Texto prevê a redução do exército e a anexação de Luhansk, de Donetsk e da Crimeia pela Rússia

» RODRIGO CRAVEIRO

O Dia de Ação de Graças, em 27 de novembro, foi escolhido pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, como a data-limite para Volodymyr Zelensky dizer se aceita ou não o plano de paz formulado pela Casa Branca. “Quando as coisas funcionam, você tende a estender os prazos. Mas a próxima quinta-feira acreditamos ser uma data apropriada”, declarou o republicano à rádio Fox. O líder ucraniano não poupou críticas à proposta.

Em pronunciamento à nação, por meio de vídeo, Zelensky alertou: “Este é um dos momentos mais difíceis de nossa história; a pressão sobre a Ucrânia é uma das mais difíceis”. “Agora, a Ucrânia enfrenta uma escolha muito difícil: a perda da dignidade ou o risco de perder um aliado-chave; os difíceis pontos do plano de paz ou um inverno extremamente difícil.”

Segundo o líder da Ucrânia, as propostas americanas prenunciam “uma vida sem liberdade, sem dignidade, sem justiça”. Zelensky

também prometeu que “não trairá o seu país”. Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, assegurou que o plano pode “estabelecer as bases” para um acordo definitivo e se disse pronto a mostrar “flexibilidade”. Ao mesmo tempo, o chefe do Kremlin ameaçou conquistar mais territórios, caso Zelensky rejeite o acordo.

Capitulação

“Zelensky simplesmente sabe que não pode assinar esse plano. Isso significa uma capitulação”, explicou ao **Correio**, por telefone, Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev). “Não vejo diferença entre o que a Rússia deseja e o que a Ucrânia obterá com o plano. Agora, Trump impõe um prazo muito curto para Zelensky. O texto prevê o encolhimento do exército e a cessão de territórios ocupados na região do Donbass (leste). Com isso, centenas de milhares de pessoas se tornariam automaticamente cidadãos russos. É um pacto horrível e muito

Vladyslav Musilenko/AFP



Moradores da cidade de Ternopil (oeste) observam prédio danificado por míssil russo na quinta-feira

injusto com a Ucrânia”, disse.

Professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla (em Kiev), Olexiy Haran afirmou ao

Correio que alguns dos 28 pontos do plano de Trump parecem “muito estranhos e malucos”. “O acordo parece uma espécie de modelo,

algo passível de ser discutido e modificado”, observou. “Existe uma regra geral diplomática que diz: ‘Nunca negocie sob um prazo’.

Quando há um deadline, o resultado costuma ser realmente ruim.”

Haran acredita que o texto do plano tenha sido redigido por Steven Witkoff, enviado diplomático da Casa Branca, e pelos russos. “No rascunho publicado, Trump repete o que a Rússia tentou impôr à Ucrânia em 2022 e vai além. Putin receberia, inclusive, partes da região Donbass não ocupada militarmente por suas forças”, comentou o estudioso. Ele considera incomum a demanda de redução do contingente ucraniano. “A Ucrânia não está atacando a Rússia, mas o contrário. Estamos sob ameaça e querem que nosso exército seja reduzido?”, questionou.

Oposição europeia

Líderes da União Europeia (UE) se alinharam à posição da Ucrânia e condenaram as bases do plano de Trump. “Para que um plano funcione, é necessário que ucranianos e europeus estejam envolvidos”, disse a estoniana Kaja Kallas, chefe de diplomacia da União Europeia, na quinta-feira.

Os 28 pontos do plano dos EUA

» **1.** Será confirmada a soberania da Ucrânia.

» **2.** Será concluído um acordo global de não agressão entre Rússia, Ucrânia e Europa.

» **3.** Espera-se que a Rússia não invada países vizinhos e que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não se expanda mais.

» **4.** Será mantido um diálogo entre Rússia e Otan, com a mediação dos EUA, sobre segurança.

» **5.** A Ucrânia receberá garantias de segurança confiáveis.

» **6.** O tamanho das Forças Armadas ucranianas será limitado a 600 mil homens.

» **7.** A Ucrânia aceita incluir em sua Constituição que não se juntará à Otan.

» **8.** A Otan aceita não posicionar tropas na Ucrânia.

» **9.** Os aviões de combate europeus permanecerão estacionados na Polônia.

» **10.** Os EUA receberão uma compensação pelas garantias de segurança. Se a Ucrânia invadir a Rússia, perderá a garantia. Se a Rússia invadir a Ucrânia, além de uma resposta militar coordenada e firme, todas as sanções globais serão reinstauradas e o reconhecimento dos novos territórios será revogado. Se a Ucrânia lançar um míssil contra Moscou ou São Petersburgo sem motivo, a garantia de segurança será considerada inválida.

» **11.** A Ucrânia cumpre os requisitos para ser membro da União Europeia e se beneficiará de um acesso preferencial de curto prazo

ao mercado europeu, enquanto o tema é estudado.

» **12.** Um pacote global robusto de medidas para reconstruir a Ucrânia, incluindo a criação de um Fundo de Desenvolvimento da Ucrânia.

» **13.** A Rússia voltará a fazer parte da economia global.

» **14.** Serão investidos US\$ 100 bilhões (R\$ 533 bilhões) em ativos russos congelados em iniciativas lideradas pelos Estados Unidos para reconstruir e investir na Ucrânia, com os EUA recebendo 50% dos lucros desta operação. A Europa adicionará US\$ 100 bilhões para a reconstrução da Ucrânia.

» **15.** Será estabelecido um grupo de trabalho conjunto russo-americano sobre questões de segurança, para garantir o cumprimento do acordo.

» **16.** A Rússia incluirá em sua legislação sua política de não agressão em relação à Europa e à Ucrânia.

» **17.** Os EUA e a Rússia concordarão em estender a validade dos tratados sobre não proliferação e controle de armas nucleares, incluindo o Tratado START I.

» **18.** A Ucrânia aceita ser um Estado não nuclear de acordo com o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares.

» **19.** A usina nuclear de Zaporizhzhia será reativada sob supervisão da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), e a eletricidade produzida será distribuída de forma equitativa entre Rússia e Ucrânia.

» **20.** Ambos os países se comprometem a implementar programas educacionais

destinados a promover o entendimento e a tolerância.

» **21.** A Crimeia, Luhansk e Donetsk serão reconhecidos de fato como russos, inclusive, pelos Estados Unidos. Kherson e Zaporizhzhia permanecerão congelados na linha de contato, o que implica um reconhecimento de fato dessa linha de contato.

» **22.** Após concordarem sobre disposições territoriais futuras, tanto a Rússia quanto a Ucrânia se comprometem a não alterar essas disposições pela força.

» **23.** A Rússia não impedirá que a Ucrânia utilize o Rio Dnieper para suas atividades comerciais, e serão alcançados acordos sobre o transporte livre de grãos no Mar Negro.

» **24.** Será estabelecido um comitê humanitário para

resolver questões sobre troca de prisioneiros, devolução de restos mortais, reféns e civis detidos, e será implementado um programa de reunificação familiar.

» **25.** A Ucrânia realizará eleições dentro de 100 dias.

» **26.** Todas as partes envolvidas neste conflito receberão uma anistia completa por suas ações durante a guerra.

» **27.** Este acordo será legalmente vinculativo. O Conselho de Paz, liderado pelo presidente americano, Donald Trump, será responsável por supervisionar sua implementação.

» **28.** Assim que todas as partes aceitarem este memorando, o cessar-fogo entrará em vigor imediatamente.

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

A COP de Belém deságua no G20

Com a diplomacia profissional imersa ainda em rodada após rodada de negociações na COP30, na Amazônia, o presidente Lula desembarcou ontem na África do Sul. Lá participa, hoje e amanhã, da cúpula do G20. Foi na bagagem o essencial da agenda climática, mas não apenas o ponto nevrálgico do aporte financeiro dos países ricos. Sobre tudo, pesa a parte que fala do desenvolvimento sustentável, afinado e no compasso da transição energética.

A política externa traçada pelo presidente com o assessor especial Celso Amorim, ex-chanceler, tem aí uma direção clara. Neste G20, fruto de costura com a presidência sul-africana do grupo, estará à mesa a discussão sobre o acesso e a exploração dos minerais críticos, também chamados de estratégicos.

De saída, a diplomacia brasileira leva a

questão para o terreno de um foro multilateral. Em Johannesburg estarão representadas, no mais alto nível, as principais economias do mundo mais União Europeia e União Africana. Isso inclui os cinco fundadores do Brics e alguns dos novos sócios do bloco emergente. Pelo segundo ano consecutivo, o encontro tem um deles como sede — em 2024, a vez foi do Brasil.

Veias abertas

A estratégia buscada é assegurar para os países detentores de reservas o beneficiamento desses minérios essenciais à economia pós-carbono. Além das tão faladas terras raras, integram essa categoria metais, como o lítio e o nióbio. Desse último, o país detém quase o monopólio das jazidas conhecidas — e,

como seria de esperar, cobiçadas sem acanhamento nem discrição pelas gigantes mundiais da mineração.

Beneficiar o minério bruto extraído não apenas agrega valor ao produto que venha a ser exportado. Implica também domínio de tecnologia, gera empregos de alguma qualidade e estimula investimentos em setores industriais complementares.

No plano de longo curso delineado pelo Planalto, uma das ambições é não repetir a história dos ciclos extrativistas do período colonial, como os do ouro e da borracha, que produziram bonança localizada e efêmera, sem deixar legado ao se esgotarem. Uma “maldição” retratada pelo jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano no célebre — e ainda atual — *As veias abertas da América Latina*.

Safari geopolítico

A presença no G20, pela primeira vez reunido na África, será seguida por outro passo de Lula no “retorno” anunciado ao continente. De Johannesburg, o presidente embarca para o vizinho Moçambique, com quem o Brasil compartilha múltiplas afinidades — da história colonial à língua, passando pela

Como nas recentes incursões pela Ásia/Pacífico, a comitiva chegará a Maputo reforçada por dezenas de empresários, que participarão de um fórum com potenciais parceiros locais. Em 1975, o Brasil foi pioneiro no reconhecimento da independência moçambicana em relação a Portugal, como agiu com Angola. Desde então, o capital brasileiro esteve presente no país — entre idas e vindas, e com resultados nem sempre do agrado de uma ou outra parte.

No primeiro período no Planalto, Lula

pôs em marcha a implantação, em Moçambique, de uma fábrica para produzir antirretrovirais destinados a toda a África. Inaugurada em 2012, a unidade trocou o medicamento contra a aids, já superado, por analgésicos e outros gêneros medicinais.

No atual mandato, o presidente retoma não apenas as visitas ao continente — foram mais de 30 entre 2003 e 2010. Em meados do ano, Itamaraty e Embrapa assinaram acordo para coordenar projetos de cooperação agrícola com parceiros africanos. Entre 2006 e 2016, a empresa chegou a manter escritório permanente em Gana, fechado depois que Michel Temer substituiu Dilma Rousseff.

O apoio em bloco dos 54 países africanos membros da ONU foi decisivo para a eleição de candidatos brasileiros a postos-chaves no sistema multilateral — como a direção da FAO, agência das Nações Unidas para agricultura e alimentação.